



O DESERTO NA ORDEM VISUAL ARGENTINA DO SÉCULO XIX

GABRIELA DALLA ROSA^{1,2}, FÁBIO FRANCISCO FELTRIN DE SOUZA^{2,3}

1 Introdução/Justificativa

Este trabalho explora o discurso visual da construção do deserto argentino, do século XIX, através das representações da dicotomia civilização/barbárie, presentes na obra do pintor uruguaio Juan Manuel Blanes. A figura da mulher, comumente associada à pureza, está nas telas de Blanes com uma brancura manchada, sua inocência perdida contrastando com a paisagem virgem do deserto selvagem.

O desenvolvimento do diálogo entre as imagens permite captar, pelas diferentes alegorias feitas à violência, um vazio, onde a pureza se enamora pela morte e em que, nos olhares dessas *cautivas*, fica explícita a melancolia da inércia. Estas imagens carregam em sua superfície uma memória, sendo capazes de uma marcação significativa na construção da nação Argentina, fazendo aporte a uma justificação de extermínio do indesejado.

Além de Blanes, perpassamos pelos trabalhos de outros pintores, que também demonstraram fascínio pelo tema da *Cautiva* e do deserto, especialmente o de Johann Moritz Rugendas, um alemão que visitou a Argentina em sua juventude e que, a partir do conhecimento do poema de Esteban Echeverría, “*La Cautiva*”, elaborou uma série de ilustrações, desenhos e pinturas acerca dos selvagens índios e as jovens por eles raptadas.

Tal trabalho permite uma explanação sobre o final do século XIX, sobre a formação das novas Nações da América Latina, sobre o tratamento dado aos não aceitos em uma nova sociedade civilizada, a política do “fazer morrer”, promovida pela força do Estado, quando da elencada necessidade de eliminação de indivíduos radicalmente contrários aos propósitos nacionais. Nesse amplo contexto, o foco está na construção de um imaginário acerca desses

1 Discente do curso de Licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Erechim, contato: babiedallarosa@gmail.com.

2 Grupo de Pesquisa: “Modernidade, Guerra e Biopolítica”.

3 Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Pós-doutor pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e pela Stony Brook University, SBU, professor adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, **Orientador**.



inimigos, projetados pela pintura de uma figura de “índio invasor, raptor e cruel”, incapaz de civilidade e sempre pronto a corromper os ideais da sociedade.

2 Objetivos

- Explorar parte da ordem visual do deserto argentino no século XIX;
- Buscar os argumentos utilizados para a justificativa da morte dos indígenas do território argentino a partir das pinturas de Juan Manuel Blanes e do discurso de alguns membros da geração literária de 1837;
- Examinar a figura da mulher, nestas mesmas obras, e o modo como sua postura declina ao passo que entra em contato com o deserto e com os indígenas, demonstrando por meio desta metáfora visual o pensamento pró-genocídio, que tomava os indígenas por contaminadores da nação argentina.

3 Material e Métodos/Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi de revisão bibliográfica, sendo estas as principais fontes de pesquisa. Também foi empregado o método de “leitura de imagens”, o qual consistiu em observação, comparação e estabelecimento de diálogo entre as imagens utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, estando estas associadas a textos da revisão bibliográfica e legendas.

A participação do grupo de estudos “Modernidade, Guerra e Biopolítica”, que contou com encontros presenciais dos estudantes com o Orientador Professor Doutor Fábio Francisco Feltrin de Souza, onde os trabalhos de cada bolsista eram postos em discussão, cruzando-se conhecimentos e pesquisas.

4 Resultados e Discussão

Os resultados da pesquisa estão inseridos em dois artigos, o presente, a que se refere este resumo e o apresentado no Encontro Regional de Fronteiras e Territorialidades, ocorrido nos dias 05, 06, e 07 de julho de 2019, na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus Erechim*, evento concomitante à IX Semana Acadêmica do Curso de História, sob o título “O deserto das donzelas: A representação da barbárie e a contaminação da mulher na obra de Juan Manuel Blanes”.

Quanto à discussão, cabe ressaltar que este é um debate aberto e recente, braço de uma



pesquisa maior, promovida por meu orientador Fábio Francisco Feltrin de Souza, desenvolvida desde sua tese de doutorado, de 2008 à 2011: “Extremidades da Nação: Violência, Biopolítica e Anti-Modernidade no Discurso fundacional da Argentina”.

5 Conclusão

O genocídio promovido no povo indígena Argentino sob o estigma de uma conquista gloriosa servia como representação de um passado heroico, ilustrando o mito de um futuro grandioso destinado à Nação (SOUZA, 2008, p. 158). Nesse futuro, não cabiam mulheres contaminadas, tampouco as visões ultrapassadas do século XIX sobre seus corpos, posturas e vivências.

O itinerário gráfico de Juan Manuel Blanes se alterou, tal qual a composição das suas figuras femininas. A metamorfose sofrida pelas *cautivas* é semelhante a evidenciada por Dona Carlota Ferreira, em seus dois retratos pintados por Blanes. No primeiro, de 1883, ela é a imagem de uma dama, adornada por flores e cercada por uma aura sedutora submissa, no segundo, quando posa de modelo para “Demonio, mundo y carne”, de 1885, tem seu corpo nu revelado em detrimento do seu rosto, incorporando as suas formas o mal do feminino, a sedução aberta, explícita, descarada, colocando no limite final do século XIX a figura da mulher enquanto a fêmea besta, ávida pelos prazeres mundanos (MARTINO, 2016, p. 44-45). As *cautivas* de Blanes, mantinham debaixo de suas peles claras, uma pequena amostra dessa nova visão da mulher, contaminada, impura, de uma brancura suja e indesejada. Logo, “*Demonio, mundo y carne*”, é refutado e fica esquecido nas polêmicas de seu século, enquanto as *cautivas*, e não somente as de Blanes, mas sim toda a ordem de imagens representando estas mulheres rendidas ao cativeiro do deserto, são parte intrínseca da memória fluida e coletiva do povo Argentino, tornando o pensamento acerca do espaço do pampa no século XIX, quando ilustrado ou de viés literário, uma extensão para se visualizar indígenas, uma paisagem horizontal de vastidão plana e jovens *cautivas*.

Financiamento

Bolsa concedida através do Edital 623/GR/UFGS/2018, pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Iniciação Tecnológica e Inovação – Probic/Probiti – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, 2018/2019.



Referências

BENTO, Berenice. *Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?*. Cadernos Pagu, Universidade de Campinas, n. 53, 2018.

MARTINO, Marlene de. *Uma mulher e algumas histórias: a sedução em Antonio Larreta, Milton Schinca e Juan Manuel Blanes - entre a tela e o verbo*. Revista PerCursos, Florianópolis: v. 17, n. 33, p. 32 – 54, jan./abr. 2016

MONTALDO, Graciela. *Espaço e Nação*. Travessia, revista de literatura - n.33 UFSC – Ilha de Santa Catarina, ago.-dez. 1996; p. 77-87

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SOUZA, Fábio Feltrin. *Espectrografias da nação: o “eu” e o “outro” no discurso fundacional da Argentina*. In: História e Arte: imagem e memória / Maria Bernardete Ramos Flores, Patrícia Peterle, (organizadoras). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

Palavras-chave: Argentina; Civilização; Deserto; Indígenas; Mulher.